

Questão 03

3. Leia o excerto a seguir para responder aos itens (a) e (b).

“Penetramos na sala contígua, onde parei um bocado, a ver os retratos de família. O Mestre não rompera com a tradição, que os quer na sala de visitas. Aí os tinha, e não no seu gabinete de trabalho. Havia uma galeria de mais de seis veneráveis retratos de homens de outros tempos, agaloados*, uns, e cheios de veneras**, todos; e de algumas senhoras. Sem bigodes, de barba em colar, com um olhar imperioso e sobreceño carregado, um deles me pareceu que ia erguer o braço de sob a moldura dourada, para sublinhar uma ordem que me dizia respeito. Cri que ia ordenar: *metam-lhe o bacalhau****.”

* agaloado = que tem a farda guarnecida de galões, distintivos dourados nos ombros.

** venera = medalha

*** bacalhau = chicote, açoite

(BARRETO, L. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Edição da Revista do Brasil, 1919, p. 95.)

- a) A partir desse excerto e da leitura da obra, indique a origem social de Gonzaga de Sá e de Augusto Machado. Justifique sua resposta com base no excerto.
- b) Que percepção cada personagem exprime em relação ao passado ou ao futuro do Brasil? Recupere dois episódios do romance que fundamentem sua resposta, sendo um para cada personagem.

RESOLUÇÃO

a) Gonzaga de Sá, personagem sobre o qual se debruça o amigo (e espécie de pupilo) Augusto Machado, pertence a uma linhagem familiar tradicional, marcada por gente de aspecto autoritário e aristocrático. Descende, portanto, de uma elite estabelecida há gerações, como comprovam “os retratos de família” que apresentam “homens de outros tempos, agaloados, uns, e cheios de veneras, todos”, figuras humanas “com um olhar imperioso e sobreceño carregado”.

Augusto Machado, por sua vez, é oriundo da classe média urbana; é um funcionário público que não se vale dos vínculos sociais que caracterizam o venerando amigo. O excerto mostra, em relação a Machado, uma postura claramente admirada e submissa, como se o rapaz estivesse pronto a receber “uma ordem”, ou mesmo a ser açoitado por alguém (“*metam-lhe o bacalhau*”).

b) Gonzaga de Sá exprime uma visão a um só tempo crítica e saudosista em relação ao Brasil. Para ele, o presente sociopolítico do país é moralmente degradado, especialmente quando comparado ao passado idealizado, vagamente situado nas primeiras décadas do século XIX. Um episódio (ou seção) exemplar dessa percepção é “O Barão, as costureiras e outras cousas” (episódio VI), em que o Barão do Rio Branco (figura central da vida política brasileira nos primórdios da República) é jocosamente referida por Gonzaga como “o Paranhos”, homem de “uma mediocridade supimpa”, cujas “tolices diplomáticas” representariam o atraso de uma sociedade que fizera dele “um Deus – metonímia de uma nação decadente e ridícula, atraída pela “ganância das gazetas”.

Quanto a Augusto Machado, compreende-se que ele (como jovem funcionário público em ascensão) tem uma visão relativamente otimista do futuro do Brasil, particularmente quando comparada ao irônico pessimismo de Gonzaga. No entanto, com o desenrolar da convivência entre os dois amigos, Augusto, por assim dizer, modifica aos poucos sua percepção e passa a alimentar certo pessimismo de ordem social e existencial. Isto se verifica em “Era feriado nacional...” (episódio XI), quando o jovem narrador observa com certo desgosto um dia de festejos públicos, patrióticos e oficiais: o aparato de “regimentos (...), pesadas carreatas, bandeiras do Brasil” não lhe causava “patriotismo nem revolta”, como se, paulatinamente, já povoasse a consciência de Augusto uma indiferença resignada que, embora não fosse desencantada como a visão de Gonzaga de Sá, manifestava uma lucidez sem idealismo. É como se o jovem burocrata guardasse já alguma experiência do velho e cético amigo e, assim, abrandasse a ingenuidade que ainda seria razoável num jovem funcionário.